ANO 33.º — Sábado, 6 de Abril de 1940 — N.º 1623

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua dos Combatentes da Grande Guerra—Telefone 125—AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
MANUEL ALVES RIBEIRO
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—AGÊNCIA HAVAS

Em prol do distrito

O erudito investigador aveirense, que é o dr. Alberto Souto, acaba de publicar um opúsculo assim intitulado, onde fóca com tôda a autoridade do seu nome e a devida claresa, o magno problema das questões distrital e provincial, dizendo da justiça que nos assiste ao pugnarmos pelas regalias usofruidas.

Eis uma amostra:

«Lealmente insisto na minha opinião de sempre: como superior divisão administrativa, os distritos correspondem à necessidade da orgânica governativa e à conveniência dos povos.

Em um século de existência, os distritos criaram a sua realidade. Essa realidade constitui uma tradição. Essa tradição merece respeito e acatamento, se poderosas e ponderosas razões não impuserem o contrário.

Pelo contrário: as províncias agora inventadas são meras ficções políticas quando excedem, duplicam ou absorvem os distritos. Eivadas dos mesmos defeitos, porque êstes são inevitáveis no traçado das linhas divisórias de tôdas as circunscrições de curtos territórios como o português e nas suas zonas confinantes, as províncias contrariam povos e prejudicam cidades que teem legítimos interêsses criados, e contradizem, pela sua ineficácia, o critério de atracção económica que pretendeu presidir à sua invenção e ao seu ordenamento.

Dir-se-á: se não fôsse o bairrismo das capitais de distrito prejudicadas, não haveria reclamações.

Certamente!

Certamente, respondo eu e com orgulho, porque se o patriotismo é um dever mais que uma virtude, tanto nos fere quem tentar diminuir Portugal, como quem conseguiu diminuir e prejudicar as nossas terras, sem razão e sem imperioso objectivo nacional.»

Muito bem. E' essa a opinião geral. Mas o talentoso advogado prossegue e rebate com argumentos sólidos e transcrições de autoridades na matéria, tudo quanto dizem os defensores da actual divisão administrativa, concluindo:

«Aperfeiçoar o que estava, revendo e corrigindo a periferia dos distritos, como se pode revêr e corrigir a dos concelhos e das frèguesias; manter a divisão tradicional por frèguesias, concelhos, distritos, com sua Junta de frèguesia, sua Câmara Municipal, sua Junta Geral, com seu Regedor, seu Administrador, seu Governador Civil; permitir e oficializar a federação permanente ou eventual das circunscrições vizinhas para estudo e resolução dos problemas comuns ou das explorações de conjunto, parece-nos ser o melhor e único rumo a seguir».

Este opúsculo do dr. Alberto Souto tem tôda a oportunidade. Estamos em crêr que a sua voz há-de ser escutada, os seus conceitos merecerão o devido estudo e por fim tudo se comporá de fórma a não criar atritos nem desgostar os que capricham em manter integras as suas prerogativas.

O Democrata, acompanhando o dr. Alberto Souto nos seus propósitos de bem servir, fica esperando pelo dia que háde trazer a Aveiro o júbilo a que aspira.

Caso raro

—o—

Eis como se explica a circunstância de a Páscoa ter sido êste ano mais cêdo do que o costume: foi isso proveniente dum fenómeno único nos anais da litúrgia, por causa da Septuagésima ser a 22 de Fevereiro—dizem os que sabem da póda.

Desde que vigora o calendário gregoriano — Outubro de 1582—tal facto nunca se registou, nem se registará agora antes do ano de 3784, ou seja mais de 2500 anos sôbre a sua última realização na vigência do calendário Juliano—nos anos de 672 e 1204.

A raridade do presente ano litúrgico só voltará, portanto, no ano de 3784, que é quando a Septuagésima incidirá de novo a 22 de Fevereiro.

A muita coisa temos assistido já, considerado fóra da vulgaridade!

Conferência

—o—

Acha-se anunciada para hoje, em Lisboa, uma conferência de Leopoldo Nunes, *sôbre jornais, jornalistas e leitores*, que se espera com vivo interêsse.

Com efeito o assunto presta-se a uma análise esclarecedora do que seja o panorama da imprensa na actualidade.

Aguardemo-la.

Êste número foi visado pela Censura

Dr. Lourenço Peixinho

—x—

Há uma semana que se encontra de cama, doente, chegando o seu estado a inspirar especiais cuidados, o ilustre presidente do município, médico habilíssimo e provedor da Misericórdia, sr. dr. Lourenço Simões Peixinho, a casa de quem vão diariamente muitas pessoas saber como passa e se as melhoras se acentuam. E' que se trata dum prestigioso aveirense, por cuja vida todos nós devemos interessar-nos, desejando o seu prolongamento.

O Democrata formula os mais ardentes votos pelo breve restabelecimento do querido enfermo.

Dá-lhe para boa...

O *cabeça da raça*, que se proclama o maior amigo da terra cujo brazão teve ideia de substituir por outro mais da sua simpatia, veio dizer na *corneta do diabo* que **a Feira de Março, em Aveiro, está morta há muito tempo!**

Metem-se-lhe estas coisas no toutiço e pronto.

O que vale é que os factos se encarregam de o desmentir, como se viu ainda no domingo durante o dia e noite.

Basta saber-se que só de bilhetes para o festival foram vendidos mais de 3.000.

Faltar à verdade, para quê?—isso preguntamos nós.

Efemérides

6 de Abril

1790—E' criada a instituïção do júri em França.

1831—O povo do Rio de Janeiro obriga D. Pedro IV a abdicar.

1882—Morre, em Paris, o brilhante cronista Guilherme de Azevedo, cujo enterro se faz civilmente para o cemitério de St. Ouen.

1909—E' absolvido no tribunal da Boa Hora, de Lisboa, o *Povo de Oeiras*, querelado por suposto abuso de liberdade de imprensa.

FESTAS A SANTA JOANA

—o—

As que se projectam êste ano devem ser revestidas de excepcional grandesa, pelo que foram transferidas para 16 de Junho a-fim-de a elas presidir o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa.

Durarão três dias o que deve interessar sobremaneira à cidade.

Benemerência

Destinada aos pobres do *Democrata* foi-nos entregue por um assinante a quantia de 50$00, que deram entrada no mealheiro para uma próxima distribuição.

Agradecemos.

Num cemitério

—o—

Devido à inimisade existente entre agricultores e operários do México, deu-se, à entrada dum entêrro no cemitério, sério conflito, que principiou por o bando atacante metralhar, protegido pelos jazigos e sepulturas, o acompanhamento, matando onze pessoas.

Esta manifestação, de autêntica selvageria, merece especial registo.

As grandes obras públicas

—x—

O desejo de que as comemorações centenárias fossem, além da evocação dum passado de glória, a afirmação dum presente pleno de confiança e de vigor, explica a inclusão no programa oficial das festa, a-par das solenidades históricas, de actos inaugurais de grandes melhoramentos públicas. Pontes, estradas, escolas, hospitais, etc., ficarão assinalando a era de engrandecimento, de que falou Salazar. Todas essas importantes realizações serão dominadas, porém, pela conclusão de três obras notáveis, verdadeiro tríptico do nosso esfôrço nêste ano aureo das comemorações: a avenida marginal Lisboa-Cascais, obra de maravilha à beira do rio e do Atlântico, que ficará rivalizando com a Avenida Copacabana, do Rio de Janeíro, e a Costa Brava, de Barcelona; o Estádio Nacional, com capacidade para cêrca de 40 mil espectadores que ali poderão seguir, interessados, as grandes pugnas desportivas; e, finalmente, o aeroporto que muito virá contribuir para tornar Lisboa o cais aéreo da Europa. Será de algum modo ligar a terra, o mar e o ar, nas nossas comemorações: rasgando uma janela sôbre os horizontes infindos do oceano; originando as grandes concentrações populares nos terrenos de Linda-a-Pastora e estabelecendo na Portela de Sacavém o centro curcial das grandes vias do futuro.

Ver a 4.ª página

O aniversário do Club Mário Duarte

é festejado hoje e àmanhã

As nossas cordeais felicitações

Resolveu a Direcção actual do *Club Mário Duarte*, composta dos srs. dr. Francisco Ferreira Neves, tenente Gumerzindo da Silva, António Pereira Osório, Antero Simões Pina, Laudelino de Miranda Melo e dr. Pedro de Almeida Gonçalves, comemorar o 36.º aniversário da fundação do grémio que tem o nome do saüdoso *sportman* e a que, de início, demos todo o apoio por se tratar duma associação recreativa, de honradas tradições, e que assaz tem contribuido para manter sempre viva no nosso meio a recordação de alguém que nele se distinguiu, contribuindo para o animar. A festa realiza-se hoje e ámanhã, como noticiámos. Por isso vem a propósito dizer que o *Club Mário Duarte* nasceu da homenagem que alguns amigos e admiradores do então jovem, mas já consagrado desportista, lhe quizeram prestar, entre os quais o autor destas linhas, que fez parte da primeira Direcção e é, talvez, o único sobrevivente do grupo que nesse posto trabalhou com afinco para não deixar perder a monção favorável à ideia.

Instalado num prédio solarengo que existia na Rua Direita, à esquina da chamada Viela do Sá, aí se conservou quási até à sua demolição, visto estar incluido no número dos sacrificados pelas obras da Praça Marquês de Pombal, em frente ao edifício do govêrno

MÁRIO DUARTE
(Patrono do Club)

civil. Era uma grande casa, essa, com três sacadas e muitas dependências, tendo a festa de inauguração sido espaventosa. A bandeira foi oferecida por senhoras, o hino por Adriano Costa, um dos artistas mais cultos do seu tempo, que o compôs, e o descerramento do retrato de Mário Duarte na sala deu ensejo aos encomios de vários oradores a quem não passava despercebido o entusiasmo com que se dedicava a todas as modalidades sportivas.

O Club tem atravessado várias fases, sendo uma delas de extrema decadência, pois chegou a estar instalado, por falta de recursos, no armazem onde guardava os barcos! Todavia, conseguiu arribar e desde então até hoje, embora houvesse perdido a feição que o caracterizava, por falta de elementos dados ao *sport*, aí o temos ainda como um valor na demonstração da sua vitalidade, que oxalá continue a manter-se para recreio do mundanismo local e respeito pela memória dum homem que animou extraordinariamente Aveiro colocado à frente duma *élite* de desportistas notável e simpática a todo o país.

* * *

Como também já demos conhecimento aos leitores, do programa da comemoração do 36.º aniversário do *Club Mário Duarte* consta um baile, que se realiza hoje e promete ser animadíssimo em virtude das muitas famílias que se acham inscritas, e ámanhã, pelas 11 horas, uma romagem ao cemitério onde será prestada condigna homenagem aos sócios mortos, seguindo-se, às 13, um almôço de confraternização entre os vivos, no *Arcada-Hotel*.

Durante o baile, madame Vale, da alta costura de Lisboa, fará, num dos intervalos, a exibição de manequins vivos, com modêlos, para 1940, dos grandes costureiros de Paris, o que representa uma honra para a nossa terra.

O Democrata felicita a Direcção do Club pela sua iniciativa e deseja-lhe, nesta hora de festa íntima e colectiva, as maiores prosperidades.

* * *

CONVITE

A Direcção do Club Mário Duarte, tendo deliberado comemorar o 36.º aniversário da sua fundação, convida os sócios e suas Ex.mas famílias e bem assim os fundadores vivos, a incorporarem-se numa romagem ao cemitério central, que, no dia 7, pelas 11 horas, terá lugar como homenagem à memória dos sócios fundadores falecidos e do seu patrono, sr. Mário Duarte.

O local da partida é a séde do Club.

Aveiro, 4 de Abril de 1940.

FALTA DE ESPAÇO

Tinhamos deliberado publicar neste número o discurso proferido no Teatro pelo sr. dr. Querubim Guimarãis a quando da visita a esta cidade do sr. Ministro do Interior. A' última hora, porém, somos obrigados a retirá-lo por falta de espaço, guardando-o para a próxima semana.

O preço da batata

Tem-se estado a pagar carissima em Aveiro e noutros pontos do país, a batata. No entanto os produtores das Beiras e de Traz-os-Montes foram a Lisboa dizer ao sr. Ministro da Agricultura que ainda possuiam quantidades elevadas do saboroso tubérculo, mas que estavam na eminência de o não poderem transacionar pela aproximação da nova colheita! E quem os mandou açambarca-la?

Sr. Ministro: é agora ocasião de chamar à responsabilidade uns tantos criminosos que só fazem por comprometer o Estado Novo! Chegue-lhes!

"Corações da Louzã"

Este grupo folclórico, a-pesar-de ter, apenas, um ano de existência, pertence já ao número dos ranchos consagrados, multiplicando-se, por tal motivo, os convites para se exibir em várias festas do país. Ensaiado pelo sr. Jaime Baptista Duarte e com orquestra própria sob a direcção do sr. Pedro Fernandes de Almeida, *Corações da Lousã* impõe-se ainda pelas lindas caras femininas que possue e imprimem no conjunto tôda a graciosidade de que ânda revestido.

António Madail

Com sua esposa, a sr.ª D. Maria Emília Madail e uma filhinha de 19 mezes, regressou do Congo Belga ao pitoresco local de Verdemilho, o nosso presado amigo António Madail, que naquela possessão africana trabalhou nos Estabelecimentos Madail, considerados dos primeiros entre os mais importantes da região.

A sr.ª D. Maria Emília, como seu marido, vêm um tanto ou quanto abalados de saúde, o que deveras sentimos, esperando, todavia, que em breve se restabeleçam.

Liga dos Combatentes da G. Guerra

A Comissão Administrativa da Agência de Aveiro manda rezar no próximo dia 9, pela 10 horas e meia, na igreja da Misericórdia, uma missa por alma dos combatentes falecidos.

Sessão cultural

Realiza-se de hoje a oito dias, no Teatro Aveirense, promovida pelo Secretariado da Propaganda Nacional, tomando parte no espectáculo a poetisa Graciette Branco, a cantora Arminda Correia, o pianista Eurico Tomaz de Lima e o violinista Herbert Aguiar.

Já começaram a ser distribuidos os convites

Trincheira dum crente

O MOMENTO FRANCÊS

Paulo Reynaud é um *homem.* Parece ser a individualidade política, enérgica e desembaraçada, de que a França precisa, nesta hora culminante e decisiva da sua história.

Em poucos dias, já, do seu govêrno, a nação francêsa e a Europa sentiram nitidamente o seu pulso forte e dominador.

Todos os homens públicos têm o seu carácter e a sua individualidade.

Conforme a sua educação, a sua psicologia, a sua formação política, moral e intelectual e a fôrça da sua vontade e do seu ideal, assim agem, assim dirigem, assim governam.

Daladier prestou incontestáveis serviços à França e à causa dos Aliados. Pode dizer-se que, pela sua admirável tarefa patriótica; pelo sentido eficaz que teve da ordem interna; e pelo fio coordenador que teceu à roda da organização militar económica e moral da guerra e do grande e máximo problema que é a unanimidade de pensamento entre França e a Inglaterra perante o grave conflito suspenso e as conseqüências que dêle decorrerem, preparou o advento e a actuação do homem, que continuando êsse esfôrço, o dinamize, tornando evidentes e inabaláveis os fins da guerra e conjuge todos os meios ao seu alcance para os atingir e resolver.

A substituïção de Daladier por Reynaud operou-se com a maior naturalidade do mundo, sem qualquer perturbação política ou social. Até traduziu, segundo a opinião geral, melhoria de situação. Melhorou o govêrno, prestigiou mais o país, abalou a pacatez europeia, impressionou os neutros, agitou a diplomacia, intensificou a unidade franco-britanica, robusteceu a sua aliança, tornou inquebrantáveis os seus compromissos de guerra e de paz e diz-se até, que galvanizará os fins, os processos e a condução do conflito pendente.

Se, àmanhã, na Inglaterra, se proceder a idêntica substituïção, repete-se o mesmo facto, (e aqui com absoluta segurança), sem quaisquer conseqüências prejudiciais.

A liberdade pode causar o bem e o mal; conduzir à vitória ou à derrota; trazer a prosperidade ou a decadência. Tudo depende da maneira, como é usada, como é aplicada. Na forma de a aplicar, em conformidade com a mentalidade correspondente, é que reside o eixo da questão.

* * *

Confesso que a substituïção de Daladier me chocou. Creio que muita gente experimentou o mesmo sentimento. Uma névoa de magua ensombrou os espíritos. Outro facto que desagradou, foi a precária votação parlamentar concedida a Reynaud.

Não sei se a opinião parlamentar ainda o perturbará. Seria criminoso. Mas tudo pode acontecer. Reynaud necessita da fôrça política para governar, para não embaraçar os seus grandes planos patrióticos, militares e diplomáticos.

O seu primeiro discurso, de frases curtas, sacudidas, sem cuidados literários, deu a impressão de sucessivas granadas de mão que se lançam. E' homem, pela sua obra, de desarmar os adversários, de vencer a algazarra política. A França, é um país que engana políticamente. Ou antes, a política não expressa cabalmente as suas possibilidades, a sua grandeza, a sua fôrça, a sua organização, a sua ordem estrutural e o seu grande valor em todos os domínios da actividade humana.

Quando palpitamos o mal surge-nos o bem. Quando contamos com o bem, depara-se-nos o mal. A sua inteligência é maleável; o seu equilibrio é rácico e profundamente europeu; tem sempre o homem adequado para a ocasião oportuna; e as suas reservas patrióticas, civicas, morais e espirituais são imensas.

Possui as energias e as virtualidades para esmagar tôdas as corrupções e decadências.

J. Carreira

Desastre na Barra

Apareceu na manhã do dia 3 morto na caldeira-abrigo que a Junta Autónoma possue nas proximidades do Forte, o guarda Justino Augusto Camêlo, que se supõe tenha caido à água, afogando-se.

Era 2.º sargento reformado e deixa 10 filhos, alguns menores.

Triste fatalidade!

Secção Desportiva

Basket-Ball

Realizou-se domingo, no Campo do Parque, um desafio-treino entre a selecção que representará a Mocidade Portuguesa nos Campeonatos Nacionais e o *Club dos Galitos.*

O jôgo foi dirigido conscientemente pelo árbitro oficial, Adriano Pires, e com a assistência do seleccionador, sr. tenente Natividade e Silva, vencendo os *Galitos* por 24-14.

O grupo da Mocidade, àparte os primeiros 5 minutos em que conseguiu jogar com acêrto, acabou por sucumbir perante a melhor técnica dos encarnados.

Os seleccionados, elementos na generalidade bastante habituados, a nosso vêr, demonstram pouca fogosidade, não tem *genica*, deixando transparecer claramente pouca resistência física.

A selecção formou: Mendes (filho), Lemos, Azevedo (depois Gastão) Tóni e Carvalho.

* * *

Consta que um certo crítico *Lançador* vai fazer a crónica dêste encontro num jornal do norte.

Oxalá que desta vez *lance* alguma coisa de geito...

A.

O preço do azeite

Chamamos a atenção dos olivicultores para a nova tabela de preços por que a Junta Nacional do Azeite o compra ao produtor e que pode ser adquirida na Rua Rodrigo da Fonseca, 15-2.º, Lisboa, sêde da Junta.

Traz anexa as condições.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Branca Augusta de Oliveira Gomes, esposa do sr. dr. Francisco do Vale Guimarãis e filha do nosso amigo Alberto Gomes, da Sociedade dos Vinhos Scalabis, L.ª; *o sr. Gil Perreira da Silva e as inocentes Maria de Lourdes e Maria da Conceição, filhas do activo comerciante sr. Manuel Seabra de Azevedo, nosso dedicado assinante em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); àmanhã, a sr.ª D. Maria da Luz M. Lima, esposa do sr. António José Pinto; no dia 8, as sr.as D. Virgínia Serrão Alvarenga e D. Emilia de Oliveira Gomes, esposas, respectivamente, dos srs. Pompeu Alvarenga e José da Paula Dias; em 9, a sr.ª D. Maria La-Salette Sarabando Vinagre, esposa do sr. Manuel Moreira Vinagre; a menina Maria de Pinho Gilvaz, irmã da sr.ª D. Rosa de Pinho Gilvaz, residentes no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e o sr. Alvaro da Rosa Lima, 1.º oficial do ministério da Marinha; em 10, o nosso amigo António Souto Ratola; em 11, o sr. Vitor Coelho da Silva; em 12, a menina Maria Carolina Arroja, irmã do sr. José Martins Arroja, e o sr. Neftali Duarte.*

Casamentos

Da sua viagem de núpcias já regressaram á sua casa de S. Lourenço (Sabrosa) a sr.ª D. Maria José da Mota Lima e seu marido, o sr. Luciano Marques Lima.

Por lapso deixámos de referir na devida altura que serviram de padrinhos da noiva, sua avó, a sr.ª D. Maria Carolina Lopes e o tio, nosso muito presado amigo, José de Souza Lopes, que, devido a ter sofrido um desastre, felizmente sem conseqüências de maior, se fez representar por sua irmã, a sr.ª D. Margarida Lopes.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade, com suas esposas, os srs. Custódio Marques Pitarma, importante industrial de panificação em Sacavem; Eduardo R. Ribeiro da Cunha, aspirante de Finanças em Valença, e Idomeu Corado, residente em Coimbra; e ainda os srs. dr. Manuel dos Santos Vitor, delegado do P. da República em Odemira; José Nunes de Figueiredo, guarda-livros em Agueda e Armando S. da Silva Afonso, que seguiu para a Guarda.

Doentes

Embora lentamente, tem melhorado algo, o nosso presado amigo sr. José Moreira Freire, com o que nos congratulamos.

—Continuam a inspirar cuidados o estado do nosso amigo António Souto Ratola, que, como dissemos, foi acometido de doença grave, e o da sr.ª D. Rosa Malaquias da Naia Balacó, esposa do sr. dr. Alfredo Balacó e filha do sr. Francisco Marques da Naia.

Desejamos a todos completo restabelecimento.

Exposição de chapeus

De novo prepara os seus modêlos para os vir expôr a Aveiro nos dias 12, 13 e 15 do corrente a sr.ª D. Ana Teixeira da Costa Pimenta, muito conhecida já da nossa sociedade elegante pela maneira como a tem servido nas anteriores estações. Que as nossas leitoras se preparem, pois, visto constar-nos que vão ter algumas surprêsas dignas de apreço.

A sr.ª D. Ana Teixeira expõe na Rua dos Mercadores, 8.

DR. CARLOS RIBEIRO

Na próxima frèguesia de Eixo, onde vive há muitos anos, foi ante-ontem acometido de doença grave o nosso velho amigo dr. Carlos Alberto Ribeiro, distinto facultativo municipal, que ali gosa da estima e consideração de tôda a gente.

O Democrata, lamentando o ocorrido, faz sinceros votos por o ver livre da crítica situação em que se encontra e entregue aos seus afazeres profissionais.

Vôos largos

Inaugurou-se na terça-feira uma nova carreira aerea da Real Sociedade Holandesa de Navegação, por enquanto só destinada ao serviço postal, tendo o aparelho D. C. 3 gasto no percurso de Amstardam ao campo de Silvade (Espinho) apenas 8 horas. O avião seguiu pouco depois para Lisboa, ficando estabelecido que bi-semanalmente faça o trajecto entre as duas cidades pela seguinte forma: partida de Amstardam todos os sábados e terças-feiras, ás 8 horas; regresso de Lisboa às segundas e sextas-feiras, às 7.

Isto é que é correr... mundo!

CARTA DE LISBOA

4 de Abril de 1940

Os centenários

Prosseguem com a maior actividade as várias obras que hão de ficar, em Lisboa, assinalando a passagem dos centenários da fundação e restauração. Entre os trabalhos mais dignos de apreço e louvor contam-se os da restauração do velho e glorioso castelo de S. Jorge, padrão imorredoiro da melhor e mais acentuada glória, cenário magnífico de alguns dos melhores e mais notáveis feitos da nossa História.

O Castelo de S. Jorge, durante tantos anos vítima não apenas do abandono de quantos tinham obrigação de olhar por êle,mas,—mais do que isso,—do vandalismo censurável e criminoso de gerações e gerações,ressurge agora em tôda a sua beleza inegualável, em tôda a sua grandeza, aquela grandeza que o torna o melhor e mais expressivo padrão da Fundação da Nacionalidade.

Mas o que se dá com o Castelo verifica-se também com o Palácio dos Almadas, adquirido pela colónia portuguesa do Brasil.

Por tôda a parte as obras que hão de ficar a assinalar a passagem dos centenários prosseguem com o maior e o mais vivo afã. Podiam, pois, as comemorações não se revestirem da solenidade que indiscutivelmente se revestirão, que bastavam os muitos e notáveis melhoramentos já em curso para que as gloriosas datas ficassem para sempre a ser recordados às gerações vindouras.

Salazar teve o cuidado de fazer elaborar um programa das celebrações que tornará as datas centenárias eternamente vivas na devoção do povo português. E, por isso, faz merecidos jús ao agradecimento de tôda a nação, de todos os verdadeiros patriotas.

Restrições e racionamentos

Segundo um mapa publicado, há pouco, pelo jornal francês *Paris-Soir*, conforme aqui referimos em devido tempo, apenas havia, na Europa, dois países que não estavam sujeitos nem a racionamentos nem a restrições de consumo. Eram êles a Roménia e Portugal.

Pois bem: alguns dias passados sôbre a publicação do jornal francês, apenas há no velho continente um país nessas condições: o nosso. E é assim porque a Roménia, que até há pouco nos fazia companhia, teve de restringir o consumo da carne, adotando o racionamento, pela população, do precioso alimento.

Quer dizer ainda, nesta hora sobre todas grave, que Portugal, graças à administração de Salazar, dá lições ao Mundo, serve de exemplo e não tem par numa Paz, sossêgo e bem-estar conquistados à custa dos maiores sacrifícios, mas conseguidos, principalmente, mercê do patriotismo do Govêrno do Estado Novo.

Política do Espírito

Foi um excepcional e brilhantíssimo acontecimento literário a festa de distribuïção dos «Prémios Literários e Artísticos-1939», há pouco realizada no Teatro da Trindade, com a assistência de tudo quanto há de melhor e mais marcante nos nossos meios intelectuais e artísticos.

Lisboa, a Lisboa pensante que presa e ama as boas letras e as belas artes, acorreu, em massa, ao velho Teatro, para com a sua presença afirmar o seu aplauso à «Política do Espírito» realizada pelo S. P. N., sob a direcção inteligente e patriótica de António Ferro.

Este, no discurso que pronunciou fez, mais uma vez, a história da acção do Organismo que dirige, prestou homenagem ao valor dos artistas e escritores premiados, entre os quais se encontrava o inglês John Gibbons, laureado com o *Prémio Camões*, e, recordando a proximidade das festas centenárias, terminou por dirigir o seguinte apêlo:

Portugueses! Vamos comemorar, daqui a dois meses, o oitavo centenário da nossa fundação! Façamos o possível, o impossível, por demonstrar ao Mundo, nessa ocasião, que somos, sem dúvida, uma nação velha eterna, mas que somos também, libertos enfim do fardo da nossa decadência, da nossa pequenez, uma nação renascida, uma pátria nova, um Portugal simultâneamente com oito séculos de História e vinte anos de idade.

Clamor do maior e mais significativo patriotismo, êle deve, pela certa, ter o maior e mais justo eco no coração de todos os portugueses. Em verdade, na hora em que vamos comemorar o inicio da nossa vida como pátria livre, nós devemos, como muito bem diz António Ferro, mostrar ao Mundo que somos pela glória do nosso passado, pela juventude renovadora do nosso presente, um *Portugal com oito séculos de História e vinte anos de idade!...* Sintese perfeita e expressiva do que deve ser a nossa preocupação na hora festiva que se aproxima, se todos ouvirmos António Ferro teremos celebrado o melhor possível as datas gloriosas em cuja consagração todos nos empenhamos.

Factos elucidativos

Está patente, desde há dias, no Parque Sanitário, uma exposição dos trabalhos e resultados obtidos na campanha anti-sezonatica.

Trata-se dum grande e valioso melhoramento realizado única e exclusivamente pelo Estado Novo, visto que só começou em 1926.

Com o enxugo necessário das zonas atacadas, conseguiu-se não só tornar em terrenos férteis, grandes extensões, até há pouco improductivas, como o que é mais ainda, logrou-se pôr termo ao terrível paludismo que infestava regiões e regiões do País, causando, como é de ver, os maiores e piores estragos.

Ao olhar-se a exposição do Parque Sanitário, ao verificar-se os muitos e excelentes resultados obtidos, de tôdas as bocas sái uma exclamação impossível de conter:—Mais um grande e admirável benefício que o País fica devendo ao Estado Novo.

Merecida homenagem

Guardamos precisamente para o fim desta carta a referência à homenagem que a M. P. e a L. P. promovem no próximo dia 10 ao sr. Presidente da Rèpública, 12.º aniversário da investidura do sr. General Carmona na chefia da Nação.

Lisboa prepara-se afanosa e entusiásticamente para mais uma vez afirmar a sua muita consideração pela figura eminente e ilustre do venerando e querido Chefe do Estado.

Em verdade se há homenagens de todo o ponto justas são, sem dúvida, as prestadas à pessoa egrégia do sr. General Carmona, o Homem que, com Salazar, tem sabido conduzir o Portugal da Revolução Nacional pelos melhores, mais gloriosos e triunfais caminhos.

GIL DO SUL

AVEIRO E A FEIRA DE MARÇO

SUA ORIGEM

O artigo que se segue transcrevemo-lo da *Gazeta de Coimbra* e é devido à pena dum aveirense que freqüenta a Universidade e muito se interessa pelas coisas da sua terra:

A Feira de Março—que acaba de ser aberta ao público—orgulho de todos os aveirenses e que nos últimos anos lhes tem merecido cuidados muito particulares, tem uma maioridade de 5 séculos, e a sua origem presa a uma encantadora lenda: lenda que tendo servido de inspiração a um dos maiores poetas portugueses, (1) está um pouco esquecida dos aveirenses e dos seus dirigentes, e merece, pela oportunidade, que seja relembrada e dada à estampa, resumidamente, é claro, e sem alardes de grande erudição.

A instituïção desta Feira Franca e Geral, remonta ao 2.º quartel do Século XV, e está ligada muito particular e directamente à fundação do 1.º Convento de S. Domingos de Aveiro». (2)

D. Pedro, Duque de Coimbra, por mercê de seu Pai, era senhor de Aveiro e de muitas outras grandes vilas do país; tendo mostrado sempre «*notável afeição e inclinação*» para a Ordem Dominicana, e querendo de alguma forma mostrar essa afeição, resolveu construir um Convento para aqueles religiosos, e não se decidindo em qual das suas vilas o deveria mandar levantar, fêz-lhe o Céu mercê de o alumiar em escolha tão difícil.

Assim, num dia de Agosto de 1422, estando o Infante, por acaso, na vila, sobe as escadas da residência, lesto e tão senhor de si, «*como quando era de 25 anos*» e pedindo audiência, Afonso Domingues «*velho de anos e de perseguição de doenças, que de longos tempos o tinham tolhido de pés e mãos*», e de tal forma que todos os que viram e conheciam, ao vê-lo passar, pasmavam «*como se virão fantasma*».

Levam-no ao Príncipe, a quem conta o milagre da sua cura, explicando com grande cópia de detalhes, «*que nessa noite lhe aparecera uma Senhora* «*tão formosa*» e cercada de «*tamanha glória e tais resplendores*»—*que avantajavam o sol do meio dia*—Senhora que reconheceu logo como sendo a Mãe de Deus, e que lhe ordenou, a êle entrevado, sem poder andar, e mexer os braços para trabalhar, que pegasse numa enxada e que o seguisse.

Encaminhou-se para a Porta do Sol, e, chegada a ela, sentando-se num dos degraus das escadas da muralha, «*de aqui me mandou que fosse sinalando com a enxada (como fiz) hum bom pedaço d'aquelle descampado.*

Isto feito, disse-me que da Sua parte Vos avizasse, Senhor Infante, que queria «*lavrasseis aqui hum Mosteiro da Ordem de S. Domingos, e que fosse do seu nome d'ella*».

Começando a duvidar de mim, disse à Senhora «*que ninguem me daria crédito, homenzinho e coitado*», e embaixador «*em negócio tamanho*»; tornando-me a Senhora: «*Vai, que bastará, para ser crido, ver-te o Infante posto em pé, e são e valente, como estás, quando sabia, que estavas entrevado*».

E, assim, comecei de entrar em mim, «*cobrei luz para entender que tinha cobrado milagrosa saúde*», e luz para o ver, não à Senhora que tinha desaparecido.

«*O Infante ficou cheio de consolação, e alegria, dando graças sem fim à Virgem*», por lhe ter indicado com aquele milagre a forma de bem a servir, e tudo ordenou «*para não haver mais tardança na execução.*»

O Papa Martinho V, por Breve de 19 de Fevereiro de 1423, concedeu as necessárias licenças e depois de juntarem «*grande cópia de materiais para a fábrica*», «*lançou o Infante D. Pedro*», a 23 de Maio do mesmo ano, «*e por suas mãos a primeira pedra*».

Continuou a construção e os frades trataram da invocação do convento, que, por escolha do Infante, se passou a designar por «*Nossa Senhora do Pranto, que nós agora dizemos milhor da Piedade*», designação esta que pouco tempo durou.

«*Foi do Pranto o primeiro nome, segundo da Piedade, terceiro da Misericórdia, e êste terceiro lhe ficou como em sorte.*»

De facto, assim sucedeu; tendo El-Rei D. Duarte fundado o Convento de S. Domingos, em Azeitão, e desejando que êste se chamasse de Nossa Senhora da Piedade, não fazia sentido que existissem dois Conventos da mesma Ordem e com a mesma designação.

Assim, um Capitulo Provincial ordenou «*que para evitar confusão, se lançassem sortes em qual das Casas havia de ficar com a vocação da Piedade; e cahio a sorte sobre Azeitão,*» contentando-se os padres de Aveiro com a invocação de Nossa Senhora da Misericórdia.

«E porque a maior misericórdia, que a senhora, e o mundo receberão do Céo, foi a vinda do filho de Deus à terra, he a festa mais solemne deste Mosteiro, sua sanctissima Encarnação aos 25 de Março, solemnizada sempre com notavel concurso dos lugares vezinhos, em memória dos mysteriosos principios da Casa».

«Soube El-Rei Dom Duarte da devoção, folgou de lhe dar augmento, com conceder à Villa huma feira franca, e geral, que começa aos vinte do mez, e dura oito dias».

Não sabemos se existe algum documento que nos elucide do ano em que Dom Duarte fez esta concessão, nem tão pouco, existindo, onde se encontra; no entanto, o falecido investigador aveirense Marques Gomes, indica o ano de 1430. (3)

Chegados a êste ponto, temos esboçada a origem e apontada a data provável do inicio oficial da Feira, que hoje se chama de Março, e, que, como algumas feiras da época, que se realizavam pelo nosso país e por Real Mercê, era uma grande feira franca e geral.

Os anos teem passado e a Feira Franca e Geral de Aveiro, tem-se mantido—com interrupções ou sem elas, não sabemos—com prováveis períodos de grandeza comercial e com os seus inevitáveis anos de decadência, certamente, até que há bem poucos anos, se apresentava tão pobre e miserável, por descuido e falta de interesse de quem na sua organização superentendia, que o seu aspecto era verdadeiramente confrangedor.

Felizmente que há três anos (com uma remodelação parcial da Câmara Municipal) um sôpro de renovação tocou a Feira de Março, tendo tomado uma feição, que, apesar de perdidas as características de Feira Franca, está mais de harmonia com as necessidades da vida actual.

A Feira de Março hoje, tende, (por acrescento) para o que se deva chamar uma Feira de Amostras, montra dos mais variados produtos devidos às inumeras actividades do mais denso distrito do País, e a cidade de Aveiro deve orgulhar-se de poder exibir aos portugueses o quanto podem e de quanto são capazes os seus irmãos, que constituem a laboriôsa população do Distrito de que é cabeça.

(1)—João de Lemos—A poesia: «Nossa Senhora do Pranto».
Rangel de Quadros tambem compôs uma poesia, versando o mesmo assunto e com o mesmo titulo e que foi publicada num jornal de Aveiro.

(2)—Frei Luiz Cacegas—História de S. Domingos.

(3)—Marques Gomes—Memórias de Aveiro.

A-propósito, cumpre-nos informar que a Feira, a-pezar-das circunstâncias êste ano observadas, não desmerece dos anos anteriores,havendo atraído, no domingo, alguns milhares de forasteiros, muitos dos quais ficaram para o festival noturno em que brilhou o Rancho das Camponesas da Vacariça-Luso, sendo igualmente apreciada pela boa execução do seu programa, a Banda do Corpo de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes.

E tudo o mais são trêtas dos invejosos, que, não tendo capacidade para nada, se comprazem em dizer mal, convencidos de que por êsse processo se tornam notados.

Fortes asnos!

* * *

Para àmanhã está anunciado outro festival, com entrada livre no recinto da Feira, e no qual se farão ouvir a «Tuna de Souselas» e a Banda Fundição Alba, de Albergaria-a-Velha.

Atenção para a 4.ª página

Cartas a uma amiga de longe

Abril, 1940

Querida amiguinha:

Vi ontem já por aí algumas capas negras.

Os estudantes dos arredores voltam a Aveiro para recomeçarem as suas lides escolares.

Será longo o período e trabalhoso, a valer, para os que têm exame. Três longos mêses que se vão passar no ambiente pesado de livros e chamadas à lição. No fim, uns, vão tristes ou alegres para casa gosar as suas férias; outros, por cá ficam mais algum tempo em trabalho exaustivo —o rabo é o pior de esfolar—até que chegue o exame que trás, às vezes, muita decepção...

Tanta noite perdida, tanto dinheiro gasto e... ter de levar à mamã uma raposa!...

E enquanto o combóio em corrida vertiginosa se aproximava da cidade do liceu, o estudante—coitado!—encolhido ao canto da carruagem entre malas e embrulhos, pensa nas deliciosas férias que findaram e no duro trabalho que há-de vir. Aquele domingo de Pascoela que amanheceu radioso, mesmo a convidar para um passeio alegre, vai levá-lo para o trabalho, vai—quem sabe?—pôr fim a um amor que a poesia da Primavera fez desabrochar e que estava ainda em botão ..

Como passaram depressa as férias da Páscoa!!!...

E êle que não abriu um livro para pôr em dia matéria atrasada!... Que descuido!...

E durante a viagem, enquanto olha sem ver os campos verdes e as árvores floridas que se sucedem, o rapaz tenta esquecer as coisas boas que passaram para se lembrar, apenas, dos seus trabalhos, que serão árduos e difíceis.

Mas ei-lo em Aveiro. Lá vai para a pensão: O quarto está mais frio e mais nu. E' verdade. A patrôa esfregou-o e êle, quando partiu, levou num enorme malão os livros para... estudar. Afinal, para quê?

E triste, melancólico, alheio de si mesmo, vai abrindo as maletas que logo à noite arrumará. Deitar-se-á cêdo, pois aquelas deliciosas manhãs passadas entre cobertores macios, voltarão—sabe lá quando!

A música distante faz-lhe lembrar a Feira e para lá se encaminha, ainda com o espinho da saüdade a picar-lhe na alma, mas mais atenuado. Lá estão amigos, camaradas. Abraçam-se, conversam, passeiam, olham as beldades que nêsse dia andam mais vamps... Criticam, e às tantas da noite, quando recolhe ao quarto, que deixa outra vez em desarrumação, vai já alegre, mas sem o querer mostrar a si mesmo, encolhe os ombros e fingindo estar possuído da resignação dum árabe, diz a uma pessoa invisível que se lhe atravessa, de-repente, na memória: «A vida é isto... tem de ser».

E ao outro dia vai ao liceu, depois à Feira e em conversa com os seus botões, chegam a esta conclusão:

—Afinal isto não é tão mau como à primeira vista parece.

Mocidade animosa: como és voluvel!

Um abraço muito apertado da

Zèmi

✝

Mário Duarte

—o—

AGRADECIMENTO

Receando incorrer em alguma falta, não só por estarmos ausentes mas ainda pela incerteza da correspondência chegar ao seu destino, procuramos por êste meio exprimir o nosso mais profundo e sincero reconhecimento a todos quantos acompanharam o nosso muito querido e saudoso Sôgro e Pai à sua última morada, àqueles que por sua alma mandaram rezar missas ou a elas assistiram, e também a todos aqueles que por carta ou cartão se lembraram de suavisar a nossa dôr.

Que todos aceitem o preito mais comovido da nossa sincera gratidão.

Isabel Mendes de Melo Duarte
Mário Duarte (Filho)

Port-of-Spain, Trinidad, British West Indies.

IMPRENSA

Turismo

Temos presente o n.º 28 desta revista de hóteis, viagens e actualidades, totalmente dedicado à histórica vila de Torres Novas, da qual insere belíssimas gravuras a acompanhar a colaboração.

E' o primeiro número da série—*Comemorações dos Centenários*—dirigido pelo sr. António Pardal, a quem felicitamos pela excelência do seu primoroso trabalho de concepção.

Ocidente

Trata-se doutra revista mensal, que vai no n.º 24, marcando pelos seus escritos literários quer em prosa, quer em verso. Dirigem-na proficientemente os srs. Manuel Murias e Alvaro Pinto, duas competências de nome feito no mundo das letras.

Revista dos Centenários

A Comissão Executiva das comemorações continua na sua propaganda por meio da publicação com o título da epígrafe, onde têm aparecido artigos firmados com nomes de relêvo no nosso meio cultural.

Tôdas três possuem as respectivas redacções em Lisboa.

Necrologia

No Pôrto, onde há anos residia, finou-se subitamente a semana passada o sr. António José Marques, que nesta cidade esteve como gerente da Companhia Singer.

Tinha 56 anos, deixa viúva com três filhos e era irmão do sr. alferes João Baptista Marques, actualmente em Mafra e a quem acompanhamos no seu luto.

Ver a página

Correspondências

Esgueira, 4

Consorciou-se no domingo com a simpática tricaninha Fernanda de Bastos Martins, filha do sr. Luís José Martins, o sr. José de Oliveira Campos, dessa cidade, tendo servido de padrinhos o sr. José Francisco de Bastos e esposa.

Ao ditoso par enviamos felicitações, desejando-lhe um futuro replecto de felicidades.

—Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma menina, a esposa do nosso amigo António dos Reis.

Mãi e filha encontram-se bem.

—A rua que vai da igreja à fonte da Biquinha encontra-se bastante danificada, sendo difícil ali passar qualquer veículo.

Pedem-se providências.

C.

Câmara Municipal de Aveiro

—o—

CONCURSO

EMPREITADA PARCIAL DE CONSTRUÇÃO

OBRA DE ORNAMENTAÇÃO DA SALA DAS SESSÕES

Doutor Lourenço Simões Peixinho, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Faço público que se acha aberto concurso para a arrematação, por empreitada parcial, da obra de ornamentação da Sala das Sessões, recebendo-se propostas em carta fechada, até às 13,30 horas do dia 25 de Abril próximo, na Secretaria desta Câmara.

O projecto, caderno de encargos e condições da arrematação estarão patentes aos interessados todos os dias úteis das 11 às 17 horas.

Aveiro e Secretaria da Câmara Municipal, 29 de Março de 1940.

O Presidente da Câmara,

(as.) *Lourenço Simões Peixinho*

VISITAI O PARQUE DA CIDADE

Câmara Municipal de Aveiro

—o—

Arrematação

Doutor Lourenço Simões Peixinho, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que, no dia 18 do corrente mês e perante a Câmara Municipal, terá lugar, pelas 14 horas, a licitação verbal para a venda do lote de terreno municipal n.º 51, situado no gaveto Sul-Poente da Avenida Central e Rua de Arnelas, com a superfície de 385,90 metros quadrados ao preço de Esc. 60$00, cada metro quadrado.

A planta e condições da arrematação estão patentes aos interessados todos os dias úteis das 11 às 17 horas.

Câmara Municipal de Aveiro, 1 de Abril de 1940.

O Presidente da Câmara,

(as.) *Lourenço Simões Peixinho*

Comando Militar de Aveiro

— o —

Convocação

Nos termos do Art.º 30.º dos estatutos desta Cooperativa convoco a Assembleia Geral Extraordinária a reünir no próximo dia 8 do corrente, pelas 17 horas, na Sala dos Oficiais do R. I. N.º 10 afim de tomar conhecimento da nota N.º 399/4 de 26 do mês findo da Fraternidade Militar, apreciar a recusa dos membros da actual direcção de continuarem no exercício do cargo nos termos do N.º 4.º do Art.º 10.º e eleger novos membros da direcção nos termos do N.º 11.º do Art.º 36.º.

Não reünindo no referido dia número legal de sócios é desde já transferida a reünião para o dia 10 do corrente à mesma hora e no mesmo local.

Comando Militar em Aveiro, 2 de Abril de 1940.

O Comandante

Artur Coelho Nobre de Figueiredo

Coronel

Banco Regional de Aveiro

—o—

AVISO

DIVIDENDO DE 1939-COUPON N.º 7

Avisam-se os Senhores Accionistas de que a partir do dia 8 de Abril de 1940 estará em pagamento na séde do Banco, o coupon n.º 7, referente ao dividendo de 1939, à razão de 4 %, cativo de impostos, sendo:

para as acções nominativas, Esc. 3$56 por acção; para as acções ao portador, Esc. 3$37 por acção.

Aveiro, 1 de Abril de 1940.

A DIRECÇÃO

Comarca de Aveiro
—o—
Arrematação

No dia 20 do corrente mês, por catorze horas, no lugar de Mataduços, na freguesia de Esgueira, desta comarca e casas de morada de José Tavares d'Oliveira e mulher Rosa Marques d'Oliveira e na execução por custas e sêlos promovida pelo Ministério Público contra os executados Francisco José Marques d'Oliveira, padeiro, e Rosa de Jesus Carlos, doméstica, moradores na vila e comarca de Torres Vedras, vão, em segunda praça, para serem arrematados por quem maior lanço oferecer acima de metade da sua respectiva avaliação, penhorados na referida execução:

Diversos móveis, louças e demais objectos, de que é depositário Manuel Dias dos Santos, casado, industrial do dito lugar de Mataduços.

Aveiro, 1 de Abril de 1940
Verifiquei
O Juiz de Direito da 2.ª Vara
A. Fontes
O Chefe da 1.ª Secção,
António Augusto dos Santos Vítor